

Clínica, com quê? - Diagnóstico diferencial patologias ou formas de existir (parte II)

Pra gente conversar um pouco sobre isso, sobre essas ideias, entendendo que não é o meu esforço para produzir a auto consciência de que você tem um funcionamento psíquico e que esse modo operar não é universal mas é que esse modo de operar corresponde a uma possibilidade daquilo que se estrutura como simbólico, daquilo que se estrutura simbolicamente, que nós somos os da representação. Se eu estou no registro da neurose, “o dom de iludir” que fala na música, como é que nós iludimos? Nós iludimos com a palavra, nós enganamos como a palavra.

1:06 A neurose é essa competência, por isso talvez, para neurose seja uma questão tão importante, essa questão da verdade, da sinceridade, ser sincero. Porque a neurose é um recurso de que nós possamos lidar plasticamente com a realidade construindo a realidade com a nossa palavra. Com a palavra nós construímos a realidade. Os mecanismos de defesa do ego, se vocês se recordam, se vocês forem perceber, (os mecanismos de defesa do ego que existem na experiência da neurose), esses mecanismos são fundamentalmente manipulações simbólicas.

Então se tem alguma coisa que constitui a neurose, é um certo modo de relação com o simbólico, é uma certa competência de manejo simbólico. E aí eu concluiria deixando pra gente continuar essa conversa na próxima vez (continuar nesse sentido de avançar um pouco mais), de dizer que a psicose só pode ser compreendida a partir dessa diferença, a diferença com a qual o registro simbólico está à disposição para que o sujeito o manuseie, o utilize.

3:00 Então, a psicose corresponderia a uma determinada relação com a palavra onde o sujeito nunca se sente sócio, onde a ilusão da intersubjetividade não está tão assim tão fácil e tão disponível, a ilusão da intersubjetividade não é pra todos e a inclusão da intersubjetividade, é que constitui a natureza do social. A sociedade é constituída pela neurose. Vocês nunca vão falar, vocês nunca vão ouvir falar da sociedade fundada pelos psicóticos. Vai ter uma sociedade dos psicóticos, sociedade tá a disposição para quem é sócio, e quem é sócio da palavra com uma possibilidade de que a palavra comporte a ilusão da intersubjetividade; esses estão no registro da neurose.

Os que estão fora disso estão no registro da psicose. Por hora eu ficaria por aqui para ouvi-los um pouco. Vou convidar que tiver mais para trás, se quiser ficar mais para frente, para participar da sociedade do sociedade, da conversa do compartilhamento, senão podem falar daí mesmo, porque aí algumas pessoas não podem olhar, mas estou em frente.

Comentários

[05:02](#) Eu acho que nós estamos trafegando nesse ato, desdizendo essas compreensões filosóficas, e nós estamos dizendo “O que constitui esse humano social é o formato de sujeito psíquico e o formato de sujeito psíquico é adquirido como condição de pertencimento a sociedade”. Então não é nem o eu nem o outro. Mas é ter inscrita a possibilidade da significação. Então o que faz humano, é ter se produzido como sujeito capaz de inscrever a significação.

A questão não é a palavra, mas a inscrição da possibilidade significatória. O que nos torna comuns na neurose é de que nós temos um determinado registro de inscrição do simbólico, mas não é o simbólico que nos faz. Por que? Porque na psicose também, o simbólico está posto, a palavra está posto, a escritura está posto, então o texto está posto, a palavra está posta também para a psicose, não é nesse sentido que a psicose também tem a palavra.

A palavra também está a disposição, e tem tanta palavra pra ela e não funda a ilusão da intercomunicação subjetiva. Trazendo pro campo da clínica: O que você mais escuta quando lida com psicóticos? “eu sou muito sozinho”, é uma coisa que às vezes, a solidão psicótica. O sentimento que “não sou sócio, não compartilho”, não sei o que é ser sócio, não consigo entrar no jogo”. Eu vejo o jogo, sei falar, sei que existe, mas não consigo acessar esse jogo, fazer parte desse jogo.

Então, o que é que dá essa característica de fazer parte do jogo? Não é a palavra! Porque a palavra será sempre a sua palavra. A palavra que você tem é sempre a sua palavra. Freud quando brinca “João quando fala de Pedro, sei mais de João do que de Pedro”, porque a sua palavra sempre te traz.

Quando o sujeito te ver falar de um terceiro, ele sabe mais de você do que do terceiro o qual você está falando. Isso posto psicanalista para o qual a palavra sobre o falar do sujeito é uma fonte de informação sobre o sujeito. Porque o dom de iludir é aquilo que leva aos moçoilos abordarem as moçoilas dizendo “seus olhos são tão

lindos, estou muito interessado em você..” o dom de iludir. “Ah você parece tão legal, ah você gosta disso, eu também gosto..”.

Para que serve a palavra, senão para produzir o sócio? Então nós estamos aqui pelo sócio, nós somos um sócio, nós tudo que fazemos, as instituições sociais são reiterações do mesmo, da produção do sócio. Estranhemos agora que a sociedade tem uns registros que produz o “sócio coxinha”, é uma coisa nova... “quero fazer parte mas só quero sociedade receptáculo, individualismo, coloco sociedade receptáculo do indivíduo”.

[09:48](#) Marx falava disso lá na “A questão judaica” , que sociedade é essa? direitos do homem, que homem? Que sociedade é essa receptáculo, o homem é alguma coisa que existe e a sociedade é um belo receptáculo dessa existência. Essa falácia do individualismo, mas que se produz na produção da experiência. Mas então nós somos sócios, nós somos societários, há algo que nos inscreve num registro societário. Mesmo o Tom Hanks perdido lá numa ilha, ele pega a bola de basquete que chama Wilson (que é a marca do material esportivo) e com sangue desenha e cria um outro. Isso que nós temos, nós temos a sociedade falácia, lembro do Robson Crusuê só é possível, porque Robson Crusuê tem a sociedade inteira dentro dele; ele já tem uma sociedade.

Então essa ideia de como é esse ter uma sociedade e ser sócio, e através de que nós somos sócios? nós somos sócios através de uma relação com a palavra que é efeito (isso mostraremos numa outra ocasião) do eu e do outro. Então a questão está entre eu e o outro, ser neurótico é dar uma resposta pra questão entre eu e o outro. Ser psicótico é ter uma outra forma de enquadrar a questão do eu e do outro, ser perverso é uma forma de organizar a questão do eu e do outro. Ou seja diagnóstico diferencial, psicose, neurose, perversão, fundamentalmente teria a ver com a dimensão da inscrição simbólica que produz subjetivamente a experiência do eu e do outro. A experiência do eu e do outro que deve ser equacionada, e aí pensada estruturalmente diria “ao modo reme-reme de ser eu e o outro, que é o modo da neurose”.

[12:34](#) A neurose é um modo de reme-reme de ser com o outro. O maior prazer e a maior infelicidade da vida da gente tá relacionada com o outro. Tudo que nós temos que falar na neurose fundamentalmente é a falta que o outro faz, porque o outro fez, não é isso pra quem trabalhou com psicoterapia de neuróticos? as histórias “quem me amou, como é que foi”, é um lenga lenga da história da neurose.

Na psicose não tem esse registro de “amou não me amou”, é “ amor como? como amor?”. É mais do que “me amou ou não me amou”, é “amor como se acessa isso? o que posso acessar com a minha experiência?”.

Tem um texto do Cornélius Castoriadis que no seminário dele em homenagem à Piera Aulagnier que foi esposa dele, e Piera foi uma das dissidentes junto com Lacan e depois também foi dissidente a Françoise Dolto, na mesma época, elas são as duas psicanalistas que juntava com Lacan pra fazer dissidência dele na sociedade. Mas a Piera Aulagnier ela tem um livro chamado “Um intérprete em busca do sentido” que é uma das construções teóricas mais interessantes que já li sobre a psicose, de matriz psicanalítica, esclarecendo as diferenças dela com Lacan. Mas o Cornélio Castoriadis que só foi marido dela, mas ele é um cara que vem da política e vai à psicanálise, aí a gente vê o efeito do amor. Porque psicanalista dele no começo é ela e o leva da política a uma prática e um trabalho psicanalítico. Então ele tem um texto em homenagem a ela em que ele diz “Bem, certamente, nós temos que concordar que a psicose, ela está referida ao campo da palavra... a questão do simbólico, a diferença do diagnóstico diferencial, diz respeito ao lugar da palavra”.

Comentários

[15:42](#) Acho que a preocupação com o diagnóstico é exatamente essa. Nós perdemos o senso de serventia do diagnóstico no que diz respeito principalmente a compreensão da estruturação do método clínico, já tratei aqui em outra situação a gente falou disso, uma certa epistemologia da clínica, de você compreender que lugar é esse que é o lugar do diagnóstico? é o lugar que estabelece uma hipótese sobre o que está acontecendo e pra fazer lançando mão de alguma referência adoc. O que é isso que está acontecendo, só posso localizar isso que está acontecendo e se eu tiver uma referência adoc, para que eu possa comparar com isso e se está mais próximo ou menos próximo, enfim uma referência que me permite nomear essa distância ou diferença em relação à alguma coisa formulada como normal. Formulada como normal do ponto de vista da fisiopatologia nós estamos falando disso, o modo está alterado e o outro que está alterado em relação aquele que é o normal, se apresentam com essa coloração, com esse tamanho, então o estado do

ponto de vista do trabalho mental, tem um problema importante que a compreensão do normal para o sujeitos do registro neurótico é totalitária.

O referente ideal que ele coloca para comparar com o que está acontecendo é um pouco uma imagem semelhança do seu ideal de ego. Ele usa o seu ideal de ego como lugar ao qual ele vai comparar o que ele está vendo e obviamente, o ideal de ego de um neurótico. Se o ideal de ego de um neurótico vai ocupar o lugar da comparação com o real que está alterado obviamente ele só pode postular uma conversão do que está aqui no referencial ideal neurótico que ele exercita, ou seja, é um desastre. Além de ter uma perspectiva normalizadora absurda, vai normalizar, vai dar normalização neurótica mais “rastaquera” porque é a minha normalização neurótica, é uma pobreza bastante grave.

[18:58](#) O tema do diagnóstico, é um tema central pra poder mudar alguma coisa na clínica, a gente tem que ter uma possibilidade de afirmar esse lugar diagnóstico que seja o lugar útil, que seja um lugar confortável, que seja um lugar importante, significativo para orientar a minha ação. Então o diagnóstico serve para que eu estabeleça o que eu não vou fazer, o que eu não devo fazer. Interessante como a forma que as vezes é tratado é ao contrário, eu tenho que ter o diagnóstico para estabelecer o que vou fazer. Eu preciso ter o diagnóstico para estabelecer o que eu não vou fazer, o que eu não devo fazer, como eu não devo agir com esse sujeito. Nesse sentido o diagnóstico funciona como uma limitação de ação que obviamente por limitar minha ação estabelece uma direção para o tratamento. Porque se eu não vou fazer isso, isso, e isso.. não devo, não é certo, não é correto, não é bom.. logo o que eu vou fazer? O que eu vou fazer é a direção do tratamento, então é importante que a gente tenha a questão do diagnóstico recolocada como um orientador e eu espero na próxima vez que a gente conversar, porque tem uma hipótese .. porque é uma simplificação, reconheço, mas pra quem não leu todos os textos do Freud, que é uma certa hipótese sobre o desenvolvimento e as direções do desenvolvimento humano, a hipótese da psicose como direção de desenvolvimento; nesse sentido nós estaremos afirmando a psicose como uma direção legítima de desenvolvimento, uma das possibilidades do desenvolvimento humano.

A psicose não é um erro, não é um defeito, a psicose é uma das possibilidades legítimas do desenvolvimento humano, vejam só essa consequência. Isso nos tira do terreno patológico, nos coloca no terreno da estrutura existencial. É

uma forma de existir legítima, não é uma doença e também importante porque recupera pra nós a potência e importância da perspectiva que eu mesclo aqui que é a perspectiva fenomenológica existencial quando trago o tema da ontologia, porque efetivamente a neurose é um recurso de sustentação ontológica de ser o sujeito que sou, quer dizer, essa condição de todo... pra que serve a neurose? A neurose serve para que eu sustente que eu sou eu.

30:05 Tudo que fazemos do começo do nosso dia, durante o sonho e na hora que levantamentos de novo é estarmos envolvidos com essa única questão que parece ser a questão que nos absorve. Parece que estamos envolvidos com muitas outras mas se formos analisar todas essas outras, podem ser revertidas a sustentação de nossa existência como sujeitos. Nós somos que vivemos 24 horas do dia envolvidos com a questão da sustentação da nossa existência. Por isso vou a faculdade, por isso vou para um trabalho, por isso faço parte de um grupo, ver tal filme, e fora a ilíada de coisas que fazemos. Eu estou querendo com isso já introduzir e deixar assim mais ou menos estabelecido uma outra noção muito importante que é a noção de trabalho psíquico.

[23:34](#) Trabalho psíquico pra pensar que a neurose tem como característica um determinado modo de trabalho psíquico. Cabe o trabalho de acordo com a sua precisão. “O sapo não pula por boniteza, mas por precisão” diz Guimarães Rosa. Então pensar que a neurose corresponde um tipo de precisão, de necessidade, de carência, de sustentar a ontologia. A psicose corresponde um outro tipo de precisão de sustentar a questão ontológica e não a ontologia, de um ego, de uma ficção de um eu. Na neurose é o trabalho com a questão ontológica, “o que é o eu o que é outro?”.

Então nós teríamos uma distinção do trabalho psíquico que fazem os neuróticos, (com todo respeito aos senhores e senhoras pelo trabalho, quero evidenciar que poucas vezes olho assim “todo mundo trabalhando psiquicamente ai hein, tô vendo psíquicos, tô percebendo vocês trabalhando psiquicamente...tô vendo a cabecinha de vocês girar e buscar referência, se afasta de uma ideia minha, se aproxima de uma ideia minha, recusa uma ideia minha, tudo isso pra quê? pra preservar uma ideologia”. Todos os nossos movimentos mentais, os nossos pensamentos, as nossas ideias só tão preocupados com uma coisa: se é uma ideia que vai contra mim, que me aperte a mente demais... olha eu trabalhando psiquicamente para dizer que “as uvas estão verdes”. Se é uma que me fascina

demais... óh eu dizendo aqui, buscando resistir ao fascínio dizendo “nossa, mas eu não posso ficar fascinado demais”, enfim, permanentemente somos sujeitos psíquicos.

Acho que essa é a grande questão pra um trabalho com sofrimento é um meio universalização da noção de sujeitos psíquicos. Só tem sujeito psíquico, eu chego num lugar eu só vejo sujeito psíquico, tá certo? só sujeito psíquico, não encontro outra coisa da hora que poderia dizer algo, só não tem as almas todas que estão no CAPS, vamos sair de uma referência religiosa, só tem sujeito psíquico, entenderam? Não tem jeito de escapar, então eu quando saio da minha função de professor, psicólogo, terapeuta, de cuidador e trabalhador de saúde mental, eu quero cair na alienação porque é muito insuportável lembrar o tempo todo que é sujeito psíquico, que só estou fazendo isso aqui agora, porque é necessário, por precisão. Tem que alertar, provocar vocês ai assim, “ei sujeitos psíquicos”, aqui só tem sujeito psíquico e cada um está trabalhando como sujeito psíquico, está dando o melhor de si para ser o que é, para suportar sua existência, sua performance, sua relação, pra sustentar sua presença no mundo.

Então muda completamente quando você ao entrar num serviço, você entra com a consciência que é um tudo sujeito psíquico e que você só tá ali porque é um sujeito psíquico especializado no trabalho com sujeitos psíquicos. Senão o sujeito psíquico qualquer, ser um sujeito psíquico que tem consciência da condição de que todo mundo é sujeito psíquico e o seu trabalho não é só o trabalho de sustentar sua ontologia, mas sustentar também essa dimensão ontológica de que você é uma pessoa que cuida de sujeitos psíquicos.

[28:20](#) Então vocês não tem mais colegas, mais pacientes, não tem mais vendedores ambulantes na porta do CAPS, só tem sujeitos psíquicos. O tempo todo sujeitos psíquicos, por todo lado: sujeitos psíquicos trabalhando psiquicamente, permanentemente trabalhando psiquicamente. Por isso eu posso interpretar o que tá acontecendo, porque eu sou especializado em trabalho psíquico. Olho assim e falo “Hm, aquele ali está trabalhando psiquicamente naquela direção pelo o que ele fala, ele faz”. É possível saber qual o trabalho psíquico que o sujeito tá fazendo a partir do momento que ele se expressa no mundo. Você vê que ele está se defendendo, (mas gente quem é que não se defende?) tem acusação? não há motivo de acusação que alguém não esteja se defendendo, as defesas do sujeito

as vezes nos causam constrangimento, nos causam problemas criando embaraço na gente, mas quem tá na chuva é pra se molhar.

Comentários

Como é que a gente se livra do império projetivo, que constitui a matéria principal das conversas e das percepções nossas e dos nossos colegas às vezes no serviço? Onde a matéria teórica só entra pra corroborar o registro projetivo. Então o que tá urrando muitas vezes, você não percebe que é um sujeito psíquico trabalhando psiquicamente, que está ali urrando a matéria supostamente uma vulgata teórica, entrando ali na tentativa de exatamente de oferecer continência pelo próprio sujeito que está diante da bucha. Então acho que isso é o desafio, mas a gente perceber que tá todo mundo trabalhando psiquicamente, é uma coisa importante porque eu acho que a saída registro moral é quando exatamente você percebe “salve-se quem puder” e é a lei do funcionamento psíquico, “todo mundo na melhor performance”.

[31:02](#) O sujeito não tem uma performance que eles guardam em casa, “hoje eu vou deixar essa porque eu vou pro meu serviço, e lá tem um pessoal que não merece, vou levar aqui só umas coisas mais básicas”: não ! Eu não estou falando com vocês nenhuma coisa menos legal, porque eu tenho uma mais legal para falar no outro dia, eu tô oferecendo o que eu sou capaz nesse momento, todo mundo está sempre no melhor de si performaticamente, a melhor competência psíquica que os sujeitos têm é essa que eles se apresentam pra nós. Então a melhor competência psíquica é esse modo de ser desse sujeito drogadito na minha frente. A melhor competência psíquica é esse psicótico delirando, ele está no melhor dele, não tem uma outra coisa que ele pode ir e tá sabotando o serviço.

Os serviços falam uma coisa odiosa, que “ele está manipulando”, “ai meu deus do céu!” quer mais projetivo do que essa ideia generalizada de que os nossos usuários são manipuladores? Vocês não estão acostumados a encontrar com essa ideia? Eu a vejo muito! Você vê que é um registro, não discuto isso e presto muita atenção no sujeito psíquico que tá falando isso, “ ele tá manipulando” eu presto muita atenção. Você imagine, se o melhor que ele pode é essa capacidade e ele expressa desse jeito, então eu acho que a gente tem esse tema desse registro como é que gente lida com isso.

[32:55](#) Agora para responder sua pergunta, porque eu tenho uma resposta... “O que eu posso fazer?” Eu posso suportar a condição da ignorância sobre o outro, eu posso me afirmar a alguém que não sei do outro. Não sei do outro, só vou saber se o outro vier através a sua palavra, seu afeto e seu gesto pra mim. Então não sei nada do outro a não ser que o outro fale muito, eu vou saber com ele sobre ele. Eu não tenho um saber prévio sobre o outro. Então essa condição de suportar a ignorância sobre... porque veja você foi contratado porque todo mundo tem um CRP, um CRM, um CRES, contratado porque fez um curso superior durante quatro, cinco anos, ganhou um diploma, supostamente porque legitima sua posição, você passou num concurso de conhecimentos gerais sobre a matéria, então supostamente o que sustenta a sua condição é de ser uma pessoa que sabe.

Um sujeito que se sustenta com o seu saber e a sua ilusão de saber. E quando aparecem os casos, a sua ilusão de saber não serve pra nada, e aí o que você faz? você vai remendando a sua ilusão de saber e vai dizendo “isso aqui é isso”, “esse comportamento corresponde à isso”, você vai fazendo amarrações com esse conhecimento tosco que você tem sobre assuntos gerais e com a sua experiência concreta. E você vai fazendo amarrações pra poder se sustentar diante dos seus colegas de que você não é um bocó, de que você não é um bobão, você sabe alguma coisa e de que você sustenta ali. E como sustenta? Sustenta dizendo coisas, objetivando esse sujeito.

[35:26](#) Nós temos aí um movimento de objetivação do sujeito, nós somos objetivadores. É raro alguém falar assim “estou pensando, me sugeriu, aquele comportamento pareceu, talvez quem sabe pudesse...” não tem lugar de hipótese é só “é isso”. Nas reuniões de equipe “então você fica dando mole, é um perverso... você vai ver o que vai acontecer com você”, é uma necessidade de afirmar uma certeza num lugar que você deveria construir essa condição, que talvez seja a coisa mais difícil da clínica mental é ser um sujeito que se coloca diante do sujeito, escuta o sujeito para só depois de escutar bastante, começar a ter possibilidade de dizer algo sobre ele, e se ele entrou em relação com você, aí fazer algo com ele... mas aí você tem que suportar essa condição e você não está sozinho, você tem hipóteses. A hipótese pode sustentar isso sem ficar ao vento, como uma folha de bananeira.

Clínica, com quem? é a razão de ser. A ideia é essa. Acho que é mais difícil se você fica com isso, não vê que tem um tanto de gente que é difícil. Você sintetizou, temos que topa e dizer “isso é muito difícil”. A forma que nós temos de nos olhar como trabalhadores de saúde mental é essa. “Gente, isso é muito difícil”.